

Ao ler, escutar e/ou assistir reportagens veiculadas pela mídia, os receptores não estão apenas se informando sobre um assunto, mas estão sendo inseridos nos mais variados fenômenos ideológicos. Mais do que isso, as mídias têm colaborado com a criação, o estabelecimento e a manutenção de relações de dominação. Através da análise de uma série de reportagens denominada “A epidemia do crack”, publicada pelo Jornal Zero Hora, esse estudo tem como objetivo identificar as estratégias ideológicas que possivelmente reforçam relações de dominação de classe. O referencial metodológico analítico foi a Hermenêutica de Profundidade, que é composto por três fases mutuamente interdependentes e complementares: análise sócio-histórica, análise discursiva e interpretação/reinterpretação. A análise discursiva preliminar indicou que várias estratégias ideológicas interagem na construção das formas simbólicas, tais como a universalização, a diferenciação e a passivização. A universalização fica evidente no título da série, pois ao caracterizar o problema como uma epidemia, tangencia o problema ao invés de associá-lo à causa primeira que é a violência estrutural. Observou-se também a ênfase na diferenciação entre as classes sociais: rico consome por curiosidade e pobre consome por pertencer à família desestruturada. Por fim, via passivização, usuários de classe média e alta são colocados numa posição passiva diante do crack – todos foram apresentados à pedra. De uma posição de sujeito da ação (“*buscou refúgio na maconha*”), eles passam a objeto da ação (“*foi apresentado à droga da latinha*”). Assim, faz-se necessário continuar interpretando a ideologia subjacente às formas simbólicas veiculadas nas mídias de massa, desvelando essas e outras estratégias que criam ou reforçam relações sociais de dominação.